



Deus na linguagem proverbial: análise do uso do nome de Deus em provérbios e expressões populares da Bíblia e da atualidade¹

God in proverbial language: analysis of the use of the name of God in
proverbs and in popular expressions in the Bible and today

Valmor da Silva*

Resumo

A partir da constatação segundo a qual Deus é “inefável e sem forma”, o artigo analisa o uso do nome de Deus em ditos populares da Bíblia e da atualidade. Embora a Bíblia proíba fazer imagens esculpidas da divindade, ela abusa no uso do nome divino e na atribuição de metáforas de sua natureza e de suas ações. O estudo objetiva analisar a ampla utilização do nome de Deus em provérbios, tanto da antiguidade bíblica quanto da atualidade cotidiana. Após as considerações introdutórias sobre o nome de Deus nas diversas religiões, na Bíblia e na boca do povo, expõe-se a ampla citação do nome de Deus no livro bíblico de Provérbios, no contexto de toda a Bíblia Hebraica. Para analisar essa realidade, em paralelo, agrupam-se os ditos em torno aos seguintes assuntos: Deus em interjeições populares espontâneas, Deus como criador providente, Deus como retribuidor pelo bem e pelo mal, e Deus parceiro dos seres humanos em sua proposta ética de boa convivência.

Palavras-chave: Deus, Ética, Nome divino, Provérbios, Retribuição.

Abstract

From the observation that God is “ineffable and formless”, this article analyzes the use of the name of God in popular sayings of the Bible and of the present days. Although the Bible forbids making graven images of divinity, it abuses in the usage of the divine name and the metaphors of his attributes and his actions. This study aims to analyze the extensive use of the name of God in proverbs, both of biblical antiquity as of today life. After the introductory considerations about the name of God in some religions, in the Bible and in the mouth of the people, it explains the wide citation of the name of God in the biblical book of Proverbs, in the context of all the Hebrew Bible. To analyze this reality, in parallel, the proverbs are grouped around the following issues: God in spontaneous popular interjections, God as provident creator, God as retributive for good and evil, and God as partner of humans in his ethics proposal for a good coexistence.

Key words: God, Ethics, Divine name, Proverbs, Retribution.

Artigo recebido em 18 de janeiro de 2016 e aprovado em 22 de setembro de 2016.

¹ Artigo em homenagem ao colega de longos anos no estudo da Bíblia, Haroldo Reimer.

* Doutor em Ciências da Religião, mestre em Teologia e em Exegese Bíblica, professor titular de Teologia e Ciências da Religião da PUC Goiás. Pesquisador bolsista FAPEG/CAPEs. Pós-Doutorando da FAJE. País de Origem: Brasil. E-mail: lesil@terra.com.br.

Deus sempre é mais do que qualquer imagem (REIMER, 2009, p. 88).

Introdução

A frase em epígrafe, no início deste artigo, bem como o livro referenciado, afirma a inefabilidade de Deus. Para além das diversas teorias sobre as representações de Deus, Haroldo Reimer demonstra o dado essencial, a saber, Deus é “inefável e sem forma”. As tentativas de representá-lo não passam de tateio pelas sombras. Como seus nomes são múltiplos, ele não se deixa aferrar, apenas permite representações simbólicas. Se “ninguém jamais viu a Deus”, como afirma o Evangelista João (Jo 1,18), significa que ele transcende qualquer tentativa de definição, e que as palavras balbuciadas podem captar indícios de sua presença no mundo. O “inefável e sem forma” adquire, através da linguagem, contornos de realidade descritível e até narrável.

Mas justamente porque Deus não pode ser captado em sua plenitude, a história revela passos alternados, na busca de formas para representar a Deus e, em sentido contrário, na proibição de figurá-lo sob qualquer imagem. Se por um lado a Bíblia proíbe a representação iconográfica de Deus, ou seja, esculturas físicas, por outro lado ela esbanja imagens verbais, quer dizer, linguagem figurada através de metáforas para descrevê-lo.

Na esteira dessa discussão se debruça o presente artigo. Monoteísmo, com a aceitação de um único Deus absoluto? Politeísmo, com vários deuses para serem adorados? Aniconismo, enquanto proibição de qualquer ícone ou imagem da divindade? Para além desse debate, o artigo analisa a constatação segundo a qual tanto a Bíblia quanto a tradição popular brasileira abusam do uso do nome de Deus. O nome de Deus está na boca do povo, invocado nas situações mais diversas, para justificar os acontecimentos mais inexplicáveis da vida. Seja pela invocação absoluta do nome Deus, seja pela recorrência a sinônimos do nome divino, seja pela aplicação de metáforas e símbolos da divindade, a linguagem humana não foge à presença constante de Deus na vida cotidiana.

As diversas religiões, na impossibilidade de defini-lo, atribuem-lhe nomes variados: Jeová, Zeus, Deus, Alá, Braman, Tupã, Olorum, Guaraci, Oxalá, Jahbulon, Akazarus, entre tantos e tantos outros.

Na própria Bíblia Hebraica, Deus recebe vários nomes, como Yhwh, Elohim, El, Shaddai. Inúmeros outros nomes referem-se a atributos divinos ou a representações e imaginários da divindade, como Deus dos pais, Poderoso de Jacó, Temor de Isaac, Rocha de Israel, Pastor, Poderoso, Criador, Senhor, Meu Rei, Nossa Justiça (METTINGER, 2015).

O Islamismo conserva a tradição dos 99 nomes de Deus. Na teologia muçulmana, por sinal, os nomes e atributos divinos são quatro mil, dos quais mil são reservados ao conhecimento divino; mil são conhecidos por Deus, pelos anjos e pelos profetas; e mil por Deus, pelos anjos, pelos profetas e pelos crentes. “Destes últimos mil, trezentos são mencionados na Torá, trezentos nos Salmos, trezentos nos Evangelhos e cem no Alcorão. Destes cem, noventa e nove são conhecidos pelos fiéis comuns, ao passo que um é escondido, secreto e acessível apenas aos místicos mais iluminados” (MANDEL, 1999, p. 7).

Metodologicamente, este artigo agrupa provérbios sobre Deus, de acordo com grandes temas teológicos, a saber, Deus criador, Deus providente, justiça divina e ética humana. Para cada tema, são apresentados, em paralelo, ditos do livro bíblico de Provérbios e expressões da linguagem cotidiana atual. A análise exegética dos textos não cabe nos limites deste estudo, podendo ser objeto de investigações futuras. Tampouco se pretende, aqui, uma reflexão teológica aprofundada ou uma análise da cultura brasileira. O objetivo é analisar como é usado o nome de Deus em provérbios e expressões populares.

1 Deus no livro bíblico de Provérbios

O livro de Provérbios faz parte da rica e variada literatura sapiencial. Provérbios condensa, em formas breves e lapidares, séculos de experiência de vida

e de expressão poética de Israel e dos povos vizinhos. O livro se compõe de diversas coleções, de épocas variadas, bem como de temas e pontos de vista diferenciados. Assim, igualmente, os nomes de Deus aparecem, em Provérbios, de maneira esparsa e desigual, de acordo com cada coleção, cada época e cada teologia (PREUSS, 1981, p. 315-6).

Enquanto no livro de Provérbios os nomes de Deus ocorrem com frequência, em outros livros da Bíblia o nome divino sequer é mencionado. É o caso de Ester² e de Cântico dos Cânticos. O Cântico, por sinal, se caracteriza como poema profano de amor e paixão, com uma única menção ao nome divino em sua forma abreviada, *Yah*, quando afirma que “O amor é forte, é como a morte... suas chamas são chamas de fogo, uma faísca de Iahweh!” (Ct 8,6).³

Em outros livros sapienciais, o nome de Deus aparece de maneira polêmica e diferenciada. É o caso de Qoélet, conhecido como Eclesiastes. Por certo, o autor de Qoélet crê em Deus, mas quando se trata de conceituar esse Deus, “o leque de opiniões é amplíssimo” (VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1999, p. 444). Há estudos que chegam a afirmar que o Deus de Qoélet é frio e impessoal.⁴

Bem diferente do Deus do autor de Qoélet é o conceito do Deus do autor de Jó. No livro de Jó, por sinal, pode-se discutir, com mais razão, o debate entre várias concepções de Deus.⁵

No livro de Provérbios, sendo o nome de Deus citado de maneira intensa, mas esparsa e desigual, diversas questões permanecem sem resposta. Para o escopo

² Embora, de fato, o nome de Yhwh em forma plena não ocorra em Ester, Rodrigo P. Silva discute, a partir de manuscritos massoréticos, a presença de quatro acrósticos que poderiam aludir às quatro letras do tetragrama divino (SILVA, 1996, p. 62-7).

³ A nota f a Ct 8,6 da *Bíblia de Jerusalém* afirma que este “É o único emprego do nome de Iahweh em todo o Cântico”. Na verdade, o versículo cita o nome divino *Yah*, não Yhwh, que seria o tetragrama normalmente referido ao nome de Deus, em hebraico, e que esta Bíblia traduz em português, estranhamente, como Iahweh. No Brasil, tem se popularizado a fórmula Javé, e em ambiente protestante usa-se mais Jeová, sob influência da vocalização hebraica do nome Adonai (REIMER, 2009, p. 16-7). Este artigo mantém a transliteração do original hebraico, Yhwh.

⁴ O referido autor, em um “Excurso sobre Deus e o temor de Deus em Qohélet” (VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1999, p. 444-9) faz um balanço das diversas opiniões sobre o assunto.

⁵ Mettinger (2015, p. 249-80) conclui seu estudo sobre os nomes de Deus na Bíblia com um capítulo sobre “Jó e seu Deus”, no qual discute três concepções: o Deus dos amigos de Jó, o Deus de Jó e o Deus da tormenta.

do presente estudo, bastam constatações que fundamentarão as análises, na sequência.

Nem todos os nomes divinos bíblicos aparecem no livro de Provérbios. “Os outros nomes do Deus de Israel, atestados na Bíblia, estão ausentes de Provérbios: ‘o Senhor’, ‘o Altíssimo’, ‘o Todo Poderoso’, ou ‘o Deus dos Poderes’ e ‘El’, DEUS” (LELIÈVRE, 1993, p. 61).

Numa estatística simplificada, segundo Preuss (1981, p. 338, nota 12), “‘Javé’ ocorre 20 vezes em Pr 10-15; 33 vezes em Pr 16.1-22,16. A coleção de Pr 25-28 o tem apenas em Pr 25.22, e a de Pr 28-29 cinco vezes. *’Elohim* (Deus) só ocorre em Pr 25.2”.

Boström, num estudo que visa justamente “reconhecer e descrever várias qualidades usadas para retratar Deus no livro de Provérbios” (BOSTRÖM, 1990, p. 31) apresenta uma estatística semelhante à de Preuss, com pequenas variações numéricas, chegando a um total de 99 referências ao nome divino, o que corresponde a mais de 10% dos 915 versículos do livro bíblico de Provérbios (BOSTRÖM, 1990, p. 33-4).

Após a estatística completa sobre o uso do tetragrama divino, no livro de Provérbios, Lelièvre (1993, p. 62) se pergunta por que Yhwh está ausente em diversos capítulos de Provérbios e concentrado em outros, como em Pr 15 e 16? O autor rechaça a resposta de Whybray e de outros exegetas, segundo os quais os versículos Yahwistas foram introduzidos para corrigir aqueles profanos. No Judaísmo em geral e, particularmente, no livro de Provérbios, as diversas realidades conflitivas da vida são agregadas de maneira integradora e complementar, sem oposição ou intolerância.

Essa constatação se verifica, além do mais, pela adoção, por parte de Provérbios, de paralelos literários e teológicos com a literatura sapiencial das culturas circunstantes, sobretudo do Egito e da Mesopotâmia. De acordo com

Preuss (1981, p. 317), “A literatura sapiencial não adota, no seu falar em Javé, as afirmações sobre a sua natureza e o seu agir, peculiares ao resto do AT... em contraposição... fala de Javé exatamente da mesma maneira que a literatura sapiencial do Antigo Oriente fala de Deus ou dos deuses”. A pesquisa de Boström (1990) ilustra de maneira ampla e diversificada essas mesmas conclusões.

Se o nome de Deus está na boca do povo, tanto na Bíblia quanto na atualidade, a análise seguinte identificará alguns desses usos mais comuns.

2 O nome de Deus em interjeições da linguagem popular

O nome de Deus, Yhwh, é a palavra mais repetida na Bíblia Hebraica. Ocorre um total de 6.823 vezes, na contagem de Brown, Driver e Briggs (*apud* JENNI, 1978, col. 970), com pequenas variações para mais ou para menos ocorrências. A forma abreviada deste nome, *Yah* se encontra 50 vezes na Bíblia Hebraica. Somente no livro bíblico de Provérbios o nome Yhwh ocorre 87 vezes segundo a referência de Jenni, ou praticamente 100 vezes conforme Boström (1990, p. 34). Apesar do mandamento de “não pronunciar o nome do Senhor teu Deus (*Yhwh eloheka*) em vão” (Ex 20,7), o nome divino aparece, na Bíblia, em situações as mais diversas.

No livro de Provérbios, como se constata, não é diferente. A coleção de Pr 10,1-22,16 emprega diversas vezes a expressão “abominação de Yhwh”, para referências negativas, e “favor de Yhwh” para práticas positivas (PREUSS, 1981, p. 324-5).

Balança falsa é abominação para Yhwh,
mas o peso justo tem o seu favor (Pr 11,1).
Abominação para Yhwh são os lábios mentirosos,
o seu favor é para os que praticam a verdade (12,22).
O sacrifício dos ímpios é abominação para Yhwh,
mas o seu favor é para a oração dos homens retos (15,8).⁶

⁶ Este artigo cita, normalmente, os textos bíblicos segundo a tradução da *Bíblia de Jerusalém* (2002).

No linguajar popular, Deus é certamente a invocação mais recorrente. E isso se comprova na vida cotidiana. Além de Jesus, Maria e dos santos, o nome de Deus está presente em provérbios, ditos, expressões e atitudes. Essa prática é o resultado de séculos de catequese, reflexo da teologia ensinada e cristalizada em ditos populares. Nesse substrato teológico, Deus é expressão automática, palavra mágica ou objeto de devoção. A ideia de confiar em Deus de maneira cega, como se ele agisse milagrosamente, e interviesse de maneira automática chama-se providencialismo.⁷ Fazer o sinal da cruz pode ser um gesto automático, tanto na passagem pela frente de uma igreja quanto na entrada do campo de futebol, para começar o jogo. Em expressões corriqueiras, do dia a dia, o nome de Deus é empregado como simples interjeição, de maneira consciente ou inconsciente: *Deus! Oh Deus! Meu Deus! Meu Deus do céu!*⁸

Esse uso estende-se a inúmeras expressões, podendo ser aplicado como uma invocação positiva do nome de Deus, ou como um protesto ou até mesmo como um xingamento: *Deus me livre! Valha-me Deus! Haja Deus! Deus nos acuda! Pelo amor de Deus! Em nome de Deus!*

Para cada momento da vida, há uma maneira de invocar a Deus, seja para almejar o que virá de melhor, seja para agradecer o que se passou ou para exaltar e fazer um augúrio: *Se Deus quiser! Graças a Deus! Deus que ajude!*

A uma criancinha muito linda e graciosa, não se tecem elogios, que é para evitar quebranto, na superstição popular, mas se faz uma invocação a Deus: *Benza Deus! Deus o guarde!*

No momento de dizer boa noite para dormir, ou na hora de despertar, as crianças saúdam os pais com um pedido de bênção, conforme o antigo costume

⁷ Providencialismo é a confiança cega em Deus, como se ele resolvesse mecanicamente todos os problemas do mundo, independentemente da colaboração humana. A Bíblia afirma, inequivocamente, a Providência divina, mas não dispensa a colaboração humana. “Se a Providência firma o homem na esperança, também exige dele que seja seu colaborador” (LACAN, 1972, Col. 844).

⁸ Há vários elencos de provérbios portugueses e brasileiros, dentre os quais foram consultados, sobre Deus, os livros de Costa (2009) e o de Pinto (2000). Franco (sd., p. 310-2) elenca algumas expressões e tece pequenos comentários. O site português *Citador* (2015) possui um bom elenco de 77 provérbios “deus”.

português, e os pais respondem com a invocação da bênção divina: *Deus te abençoe!*

Quando alguém dá um espirro, sinal mais evidente de vitalidade, deseja-se saúde, com diversas formas de invocar a Deus: *Deus te crie! Deus te dê saúde! Deus te dê vergonha!*

Quando alguém se despede, é usual desejar a companhia de Deus, tanto para quem parte quanto para quem fica. Essa saudação é particularmente usual no Estado de Goiás: *Vai com Deus! Fique com Deus! Deus te acompanhe!*

Quando alguém quer reclamar a sua porção ou garantir o seu pedaço, ao sentir-se discriminado, reclama: *Também sou filho de Deus!*

Para garantir a própria palavra, é usual jurar em nome de Deus. O costume de jurar sobre a palavra de Deus, simbolizado pela mão sobre a Bíblia, é atestado nos tribunais, tanto civis quanto eclesiásticos. Apesar de a própria Bíblia proibir terminantemente o juramento (Mt 5,34-36), a mesma Bíblia registra diversos juramentos com o nome próprio de Deus Yhwh (Dt 6,13; 10,20; Is 19,18; 48,1 etc). Não raro, o juramento é posto na boca divina: *Eu juro por mim mesmo* (Is 45,23).

E na linguagem corriqueira, coloquial, desde a infância até a idade adulta, o juramento brota espontaneamente, para assegurar a palavra dada: *Juro por Deus! Por Deus do Céu!*

Talvez a maneira mais típica de se agradecer, na prática da gratuidade solidária, seja apelar para Deus, como o credor de todas as dívidas: *Deus lhe pague! Dever a Deus e a todo mundo. Foi ao Deus dar. Quem dá aos pobres empresta a Deus* (cf. Pr 19,17; 22,9; 28,27).

Exalta-se a Deus, sobretudo, para louvá-lo ou para safar-se de situações difíceis. A grandeza e transcendência de Deus é declarada de maneira clara e

inequívoca: *Deus é mais. Deus é dez. Só Deus é grande* (atribuído a Antônio Conselheiro).

Outras expressões passaram por adaptações linguísticas, mas contêm o nome de Deus em sua raiz. A língua portuguesa vulgarizou a palavra *tedeu*, com sentido de festa ou confusão, originada do latim *te-déum* (a ti Deus), primeiras palavras do hino ambrosiano de louvor (FERREIRA, 1999, p. 1935).

Dizer *adeus* é recomendar alguém a Deus, desejar que Deus esteja com a pessoa. A mesma expressão possui tradução equivalente nas línguas neolatinas *adiós*, *adieu*, *addio*. Igualmente o inglês *goodbye* é a forma abreviada de *God be with ye* (Deus esteja contigo). (PIMENTA, 2004, p. 15).

A interjeição *oxalá* é a adaptação portuguesa do árabe *in-xa 'llah*, queira Deus, literalmente se quiser Deus/Alá (NIMER, 2005, p. 593).

O inseto conhecido como louva-a-Deus ganhou este nome popular justamente pela sua posição quando pousa e junta as patas dianteiras, à semelhança de uma pessoa rezando, de joelhos. Outros idiomas conservam imagem semelhante, mas a partir da raiz grega *mántis*, profeta. *Playing mantis* (inglês), *mantis* (espanhol), *mante* (francês), *mantide* (italiano). (PIMENTA, 2002, p. 134).

A palavra *entusiasmo* provém do grego *enthousiasmos* “espécie de furor de inspiração divina que se apossa da alma: de *enthous*, inspirado por um deus e *asthma*, sopro” (VICTORIA, 1958, p. 64).

Perante esse uso e abuso do nome de Deus no dia a dia, alguns aspectos chamam a atenção, relacionados com a própria teologia e seu significado. Os próximos itens agrupam, tematicamente, alguns provérbios, de acordo com os principais atributos divinos, criação, providência, retribuição, ética e parceria humana. Da aproximação entre provérbios bíblicos e populares, procede-se à análise crítica, a fim de identificar o pensamento teológico que motiva tais expressões.

3 Deus criador e providente

Deus é criador do universo e dos seres humanos e, ademais, protetor dos pobres e desvalidos. Essa convicção, presente em toda a Bíblia, encontra constantes ecos na atualidade. Igualmente nas demais culturas do Antigo Oriente Médio, seja do Egito, seja da Mesopotâmia, há textos paralelos que ilustram as mesmas convicções (LELIÈVRE, 1993, p. 75-6).

No livro de Provérbios, Deus aparece como o criador e ordenador, seja dos seres humanos, seja do universo, seja de todas as relações humanas. Não só, mas Deus é quem mantém a ordem e o equilíbrio de modo que tudo dele depende (BOSTRÖM, 1990). Segundo Alonso Schökel e Vélchez Línchez (1984, p. 29), “Nos livros bíblicos sapienciais, Deus é fonte de conhecimento, limite do conhecimento, tema de reflexão; é guia da conduta humana, que ele julga e sanciona; é autor de uma organização religiosa ordenada pelos dois polos do respeito e da confiança”.

Yhwh fundou a terra com sabedoria,
e firmou o céu com o entendimento (3,19).
O ouvido que ouve, o olho que vê,
Yhwh os fez a ambos (20,12).
Rico e pobre se encontram;
a ambos fez Yhwh (22,2).

Além de ter criado o Universo, Deus o mantém e o sustenta. A criação é fruto da sabedoria divina, que a conserva e a recria constantemente. A providência divina não descuida nenhum detalhe, mas dedica especial atenção a quem pratica a justiça.

Yhwh não deixa o justo faminto,
mas reprime a cobiça dos ímpios (10,3).
Xeol e Perdição estão diante de Yhwh:
quanto mais o coração humano! (Pr 15,11).
Mais vale pouco com temor de Yhwh,
do que grandes tesouros com sobressalto (15,16).

Na tradição popular brasileira, a grandeza e transcendência de Deus exageram a tal ponto o poder de sua providência que se expressam num

providencialismo. Com isso, às vezes se exalta a Deus, na certeza de que ele sempre “dá um jeitinho” ou “quebra o galho”. Deus é tão bondoso e tão sábio, que nos atende na medida de nossas necessidades, como diversos provérbios o expressam:

Deus dá o frio conforme o cobertor.
Deus dá a canga conforme o pescoço.
Quando Deus tira os dentes, alarga a goela.
Deus, quando tira os dentes, endurece as gengivas.
Deus mede o vento à ovelha tosquiada.
Quando se fecha uma porta Deus sempre abre uma janela.

Ocorre também como concessão de privilégios a quem não pode deles usufruir, como forma de compensação: *Deus dá nozes a quem não tem dentes. Deus não dá asas à cobra.* É o pensamento atrelado à teologia da retribuição, exposta no próximo item. Ou ainda, pelo pior, quando se faz qualquer estultice, pode-se apelar para que a providência divina supra fiascos e fracassos. É doutrina teológica e senso comum atribuir o mal ao diabo e o bem a Deus. Mas também é comumente aceito que Deus compensa as lacunas humanas: *Deus escreve direito por linhas tortas* (cf. 16,4; 20,30). Ou: *À criança e ao borracho, Deus põe a mão por baixo.*

Se a providência divina supre as deficiências humanas, essa espécie de última esperança se mantém como certeza proclamada: *De hora em hora, Deus melhora. Pouco com Deus é muito. Muito sem Deus é nada* (cf. Pr 15,16; 16,8).

O mesmo pensamento de confiança em Deus desemboca, com frequência, numa atitude passiva, como se a ação de Deus suprisse magicamente as deficiências humanas ou como se a sorte ou o destino estivesse traçado nos projetos divinos. É o que se chama fatalismo.⁹ *Deus quis assim. É a vontade de Deus. Deus sabe o que faz. Coloca nas mãos de Deus! O que Deus risca ninguém rabisca. Deus querendo, até o deserto amanhece chovendo. Só Deus é perfeito, o*

⁹ “A fatalidade, personificada pelos gregos com o nome de *Moirá*, significava no mundo antigo o poder invisível que rege o destino humano... No pensamento clássico, bem como na religião oriental, a fatalidade é **um poder sombrio e sinistro que se relaciona com a visão trágica da vida. Denota, não a ausência da liberdade, mas a sujeição da liberdade.** É a necessidade transcendente na qual a liberdade está emaranhada (Tillich). A fatalidade é cega, inescrutável e inevitável” (BLOESCH, 1990, p. 152). Rangel (2003, p. 71-4) estabelece esta relação do fatalismo com a “Religião dos provérbios e ditos populares”.

resto vem com defeito. O homem põe e Deus dispõe (cf. Pr 16,1.9; 19,21; 21,2). *O homem faz e Deus desfaz.*

No exagero, isso adquire traços de etnocentrismo¹⁰, que se manifesta com a manipulação da origem e da ação de Deus. Vale nas manifestações populares, sobretudo em futebol, com relação ao time mais fraco. Também pode adquirir ares de democracia ou de nacionalismo. *A voz do povo é a voz de Deus. Deus é brasileiro. Deus é gaúcho. Cristo é carioca.*

Na sequência desse viés que quer adonar-se do poder divino, não falta a expressão do individualismo. *Deus deu a vida para cada um cuidar da sua. Cada um por si e Deus por todos.*

Com essa ideia de Deus criador e providente, está bastante interligada a ideologia seguinte, do Deus que retribui de acordo com os méritos de cada pessoa.

4 O Deus da retribuição

Tanto na Bíblia quanto na tradição popular, impõe-se um pensamento comum, embora perigoso, conhecido como teologia da retribuição. Em palavras simples, significa que Deus retribui a cada pessoa conforme os seus méritos, ou seja, pessoas que fazem o bem são abençoadas por Deus e as que fazem o mal são amaldiçoadas de acordo com sua maldade. Com base na lei do talião “Olho por olho, dente por dente, pé por pé...” (Ex 21,24), pressupõe a aplicação de uma justiça retributiva absoluta, baseada na própria justiça divina.¹¹

A doutrina da retribuição, ampla e complexa, pode ser interpretada de maneiras diversas. Na própria Bíblia, ela é contestada e questionada, por exemplo

¹⁰ Etnocentrismo, na definição de Sumner (*apud* HOEBEL, 1987, p. 437) é a “visão de mundo na qual o centro de tudo é o próprio grupo a que o indivíduo pertence, tomando-o por base, são escalonados e avaliados todos os outros grupos”.

¹¹ “A Bíblia ensina explicitamente que a justiça é fonte de felicidade e que o pecado é causa de infelicidade. Esse laço entre a justiça e a felicidade, entre o pecado e a infelicidade é elaborado, como regra geral, com base numa concepção concreta e até material da bênção e da maldição... em última análise, porém, esse laço repousa sobre a justiça de Deus, cujo julgamento infalível dá a cada um segundo suas obras” (LIPINSKI, 2013, p. 1116).

nos livros de Jó e Eclesiastes. Em Provérbios, ela não obedece a uma lógica linear. Apresenta-se, entretanto, como uma elaboração da própria proposta de sabedoria, segundo a qual, a cada ação decorre uma consequência, seja positiva, seja negativa. Embora haja provérbios que equilibrem a responsabilidade humana com a divina, como será apresentado no item seguinte, há os que veiculam o pensamento da retribuição, como uma lei de causa e efeito. Segundo essa lei, Deus aceita ou abomina os comportamentos, de acordo com a conduta de cada ser humano.

*Abominação para Yhwh são os lábios mentirosos,
o seu favor é para os que praticam a verdade (12,22).
Quem faz caridade ao pobre empresta a Yhwh,
e ele dará a sua recompensa (19,17; cf. 12,2.9).
Para quem dá ao pobre não há necessidade,
mas quem dele esconde seus olhos terá muitas maldições (28,27).*

Nos provérbios do Brasil, Deus aparece como justiceiro e castigador em diversos ditos populares, recalcando assim a teologia da retribuição pela via negativa. *Deus tarda, mas não falha. Deus não mata, mas castiga. Deus não mata, mas aleija.*

Outros provérbios frisam a retribuição pela via positiva, isto é, Deus está sempre pronto a premiar o bem, na medida de sua misericórdia e dos méritos de quem o pratica. *Deus é pai, não é padrasto. Deus sempre perdoa, os homens às vezes, a natureza nunca. Deus castiga com a mão esquerda e afaga com a direita.*

A ideia da retribuição valoriza a fé, em detrimento das ações, como forma de suprir limitações e fracassos. A fé passa a ser, negativamente, o alibi para o agir humano, quer pelo bem quer pelo mal. *Fé em Deus e pé na tábua. Fé em Deus e unha no povo.*

A teologia da retribuição reflete uma ideia parcial de Deus e de sua justiça. Essa ideia se baseia na relação de pagamento, como se Deus fosse devedor das boas ações humanas e vingador das más ações. Entretanto, essa imagem de Deus vingativo se faz presente tanto em textos bíblicos quanto na mentalidade popular

hodierna. Vale, porém, reafirmar a realidade constante do Deus que é amor, misericórdia e perdão.

Mas não só de retribuição vivem a Bíblia e o pensamento popular. Noutra linha teológica mais coerente, é a parceria entre o ser humano e Deus que constrói o caminhar da história.

5 Ética e parceria humana

A pessoa que busca a sabedoria procura comportar-se de acordo com a ordem do universo, estabelecida por Deus. Esse é o ideal da pessoa sábia, na busca do equilíbrio entre a ordem divina e o comportamento humano. Isso se traduz numa atitude ética, como forma de bem viver com felicidade.

Numa tese bem elaborada, Sun Myung Lyu defende que “O livro de Provérbios, como um todo, claramente se apresenta como um discurso autoritativo moral” (LYU, 2012, p. 6). Na argumentação do autor, há um tom religioso que fundamenta os ensinamentos de Provérbios, em vista das virtudes éticas que chamam para a formação do caráter. Embora a hipótese possa ser questionada, ela tem o mérito de valorizar a formação humana em vista da vivência com sabedoria e retidão.¹²

A tese de Boström, por sua vez, apresenta de maneira equilibrada, o Deus do livro bíblico de Provérbios, em sua relação com os seres humanos. Trata-se de um Deus pessoal, atento a fracos e indefesos, especificamente pobres, órfãos e viúvas e, conseqüentemente, comprometido com as causas das pessoas justas. Embora, por um lado, Provérbios apresente um Deus transcendente, por outro lado acentua a representação de um Deus próximo às pessoas e envolvido pessoalmente com os seus problemas (BOSTRÖM, 1990, p. 193-238).

¹² Lyu (2012) distingue claramente o conceito de retidão (*righteousness*) do conceito de justiça (*justice*). O livro de Provérbios, segundo ele, trata de retidão (raiz hebraica *tsdq*), não de justiça (*tsedaqah*), o que consideramos, novamente, questionável, pois a abordagem sobre justiça social, em Provérbios, é uma evidência que se impõe por si mesma.

Muitos provérbios bíblicos, portanto, apontam para o comportamento da pessoa sábia ou justa, como forma de corresponder à característica do Deus que prima pela justiça. Dessa sintonia entre a Deus que se engaja pessoalmente com as situações de injustiça e a conduta humana que corresponde a tal apelo divino, surge a proposta de um mundo de equilíbrio e bem-estar. Alguns provérbios traduzem essa realidade com a metáfora do caminho, na proposta de seguir os passos de Yhwh (Pr 10,29, dentre outros).

Quem anda na retidão teme a Yhwh,
quem se desvia dos seus caminhos o despreza (14,2).
Recomenda a Yhwh tuas obras,
e teus projetos se realizarão (16,3).
O coração do homem planeja o seu caminho,
mas é Yhwh que firma seus passos (16,9; cf. 16,1; 19,21; 21,2, com o correspondente *O homem propõe, Deus dispõe*).

O comportamento humano mais comumente exigido, em Provérbios, é o temor de Yhwh. Temor de Yhwh é a atitude de respeito do ser humano perante Deus, para distinguir a distância entre um e outro. Trata-se de um tema tipicamente bíblico e raro no Antigo Oriente Médio (PREUSS, 1981, p. 327-32): *Que o teu coração não inveje os pecadores, mas o dia todo tenha temor de Yhwh* (Pr 23,17).¹³

Na tradição popular brasileira, há ocorrências positivas, em que a parceria humana é valorizada, em seu esforço em colaborar com a força divina. Não falta o apelo à iniciativa humana, e mesmo ao protagonismo dessa ação. *Deus ajuda quem cedo madruga. Deus ajuda a quem trabalha. Ajuda a Deus que ele te ajudará! Mais vale quem Deus ajuda do que quem muito cedo madruga. Faça a sua parte que Deus faz a dele!*

Mesmo assim, com frequência essa parceria apenas realça a incompetência humana e o seu limite diante da transcendência divina. É o caso da frase de para choque de caminhão: *Guiado por mim, dirigido por Deus*.

¹³ O tema do temor de Yhwh, frequente na Bíblia Hebraica e amplamente explorado nos comentários bíblicos, não caberia nos limites do presente artigo.

Na mesma linha de pensamento, para exaltar alguém, com qualidades extraordinárias, a quem se devota muita admiração, usa-se o termo comparativo: *É Deus no céu e fulano na terra*.

Raramente um provérbio questiona Deus, e quando o faz é de maneira irônica, exaltando a sua grandeza. Um ditado do Ceará ilustra bem este pensamento: *Se Deus sabia que não ia dar conta desse mundo, porque o fez tão grande?*

Para concluir, trazemos dois exemplos literários, da poesia brasileira, que ilustram ditos sobre o Deus criador e o êxtase humano diante da criação. A natureza é vista como palavra de Deus, o livro primeiro, com letras que evidenciam os traços da mão divina.

Esta beleza,
que se chama natureza,
é meu livro predileto.
Não precisa de alfabeto,
pois foi escrito por Deus (Catulo da Paixão Cearense).

A criação humana, renovada em cada nascimento, oferece a certeza de que Deus continua a sua obra criadora e a conserva constantemente, com seu divino alento:

Minha senhora dona,
uma criança nasceu
e o mundo tornou a começar... (Guimarães Rosa).

Concluindo

Os provérbios filtram a sabedoria popular, de milênios. Nascidos de maneira espontânea e anônima, transmitem-se oralmente, de geração em geração, e não raro são fixados por escrito. É o caso do livro de Provérbios, bíblico, assim como de coletâneas modernas de ditos e expressões populares. Refletem, num e noutro caso, a sabedoria vivenciada por pessoas, famílias e povos, ao longo de séculos de história.

Dentre tantas e tantas gotas de sabedoria, os provérbios sobre Deus poderiam constituir uma das mais amplas coletâneas. O nome de Deus ocorre, com surpreendente frequência, na linguagem cotidiana dos povos de todos os tempos. Mais que uma prática cultural, isso reflete a fé que move a vida em suas mais diversas circunstâncias.

Se, por um lado, a Bíblia proíbe o uso do nome de Deus em vão, e veta qualquer representação sua, por meio de imagem esculpida, por outro, abusa da linguagem, com metáforas e representações, para descrever sua natureza, atributos e ações. Essa linguagem, representada em provérbios e ditos populares, o presente artigo procurou evidenciar.

REFERÊNCIAS

ALONSO SCHÖKEL, Luis; VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. **Proverbios**. Madrid: Cristiandad, 1984.

Bíblia de Jerusalém (A). São Paulo: Paulus, 2002.

BLOESCH, D. G. Fatalidade, fatalismo. In: ELWELL, Walter A. (Editor). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. Vol. II. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1990. p. 152.

BOSTRÖM, Lennart. **The God of the Sages: The Portrayal of God in the Book of Proverbs**. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1990.

CITADOR. Provérbios “deus”.
<http://www.citador.pt/proverbios.php?cit=2&op=7&theme=deus&firstrec=70>. Consulta em 05/11/2015, 8:50h.

COSTA, João José da. **A sabedoria dos ditados populares**. São Paulo: Butterfly, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FRANCO, Cid. **Dicionário de expressões populares brasileiras**. Vol. I. São Paulo: Editoras Unidas, [197?].

HOEBEL, E. Adamson. Etnocentrismo. In: SILVA, Benedito (Coordenação). **Dicionário de Ciências Sociais**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 437-438.

JENNI, Ernst. *Yhwh Yahvé*. In: JENNI, Ernst; WESTERMANN, Claus (Editores). **Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento**. Tomo I. Madrid: Cristiandad, 1978. Col. 967-975.

LACAN, Marc-François. Providência. In: LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1972. Col. 843-846.

LELIÈVRE, André. **La sagesse des Proverbes**: une leçon de tolérance. Genève: Labor et Fides, 1993.

LIPINSKI, Édouard. Retribuição. In: MAREDSOUS. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Tradução de Ary E. Pintarelli e Orlando A. Bernardi. São Paulo: Loyola, Paulinas, Paulus, Academia Cristã, 2013. p. 1160-1165.

LYU, Sun Myung. **Righteousness in the Book of Proverbs**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2012. (Forschungen zum alten Testament 2. Reihe 55).

MANDEL, Gabriele. **Os 99 nomes de Deus no Alcorão**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1999.

METTINGER, Tryggve N. D. **O significado e a mensagem dos nomes de Deus na Bíblia**. Santo André: Academia Cristã, 2015.

NIMER, Miguel. **Influências orientais na língua portuguesa**: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos: etimologias, aplicações analíticas. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

PIMENTA, Reinaldo. **A casa da mãe Joana**: curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

PIMENTA, Reinaldo. **A casa da mãe Joana 2**: mais curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

PINTO, Ciça Alves. **Livro dos provérbios, ditados, ditos populares e anexins**. São Paulo: Senac, 2000.

PREUSS, Horst Dietrich. O conceito de Deus na sabedoria mais antiga de Israel. In: GERSTENBERGER, Erhard S. (Organizador). **Deus no Antigo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1981. p. 313-344.

RANGEL, Paschoal. **Provérbios e ditos populares**: a sabedoria da nossa gente. Belo Horizonte: O Lutador, 2003.

REIMER, Haroldo. **Inefável e sem forma**: estudos sobre o monoteísmo hebraico. Goiânia: UCG; São Leopoldo: Oikos, 2009.

SILVA, Rodrigo P. O nome de Deus no livro de Ester. **Estudos Bíblicos**, Petrópolis, n. 48, p. 62-7, 1996.

VICTORIA, Luiz A. P. **Dicionário da origem e da vida das palavras**. Rio de Janeiro: Livraria Império, 1958.

VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. **Eclesiastes ou Qohélet**. São Paulo: Paulus, 1999.